

Dickson Grael liga o caso Baumgarten ao do Riocentro

Cinco militares envolvidos na repressão policial contra os opositores políticos do regime foram apontados pelo Coronel Dickson Grael como integrantes da chamada Operação Dragão, de seqüestro, interrogatório e eliminação do jornalista Alexandre von Baumgarten. Os Coronéis Ari Pereira de Carvalho e Ari Aguiar Freire, o Sargento Roberto Fábio, do Serviço Nacional de Informações, o Capitão Alton Jorge Guimarães, o Capitão, um dos maiores bicheiros do Estado, e o Coronel Malhães, até há bem pouco chefe do Centro de Informações do Exército, e envolvido, entre outras coisas, com o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu (RJ), D Adriano Hipólito, na década de 70 — todos eles, segundo Grael, tomaram parte da Operação Dragão.

O jornalista — informou o coronel, que na última segunda-feira, dia 24 de junho, prestou depoimento ao Delegado Ivan Marques, na Secretaria de Polícia Civil, no Rio de Janeiro — nem chegou a ir à traineira Mirimi, como vinha sendo divulgado. Foi seqüestrado de sua própria casa e levado diretamente para o prédio da Polícia Federal, na Praça Mauá. As razões, ainda de acordo com Grael, prendem-se à “queima de arquivo”, uma vez que Baumgarten “sabia muito” sobre as atividades terroristas do SNI, principalmente sobre a explosão no Riocentro, em maio de 1981. Dickson Grael, que acaba de lançar um livro de denúncias, inclusive sobre o episódio do Riocentro, disse que suas informações sobre o caso Baumgarten e outros episódios são fornecidas por uma fonte militar, alguém que “exerceu importantes funções dentro e fora do serviço de informações”.

Tiro de misericórdia

O Sargento Roberto Fábio, lotado no DOI, em Brasília, foi quem deu o tiro de misericórdia em Baumgarten, afirmou Grael. Os Coronéis Ari Freire e Ari Carvalho participaram das outras fases da Operação Dragão — o seqüestro e o interrogatório. Quanto ao Capitão e o Coronel Malhães, Grael não soube precisar em que fase da operação tomaram parte. Foi aliás uma inconflidência do Sargento Fábio — que teve de explicar à mulher, em Brasília, por que estava sempre no Rio de Janeiro, e acabou confessando que matara Baumgarten — o elemento detonador da onda esclarecedora sobre o caso: a mulher do sargento passou a comentar o episódio com parentes e amigos. Logo depois, o casal desapareceu de Brasília, podendo estar até morto, segundo o Coronel Dickson Grael.

Na biografia de todos os apontados por Grael, o envolvimento com a repressão militar. Os Coronéis Ari Carvalho e Ari Freire foram notórios torturadores, já identificados por ex-presos políticos. Citados no famoso dossiê Baumgarten — o documento que o jornalista deixou, denunciando seus prováveis carrascos, entre os quais também os Generais Octavio Medeiros e Newton Cruz, altas personalidades do SNI —, encontram-se fora do Brasil. Já o Capitão, envolvido até 1975 nas atividades terroristas do DOI-Codi, chegou a ser processado como contrabandista, num inquérito que incluía vários oficiais da Polícia Militar e do Exército.

Extensas biografias

Malhães era chefe de operações do DOI-Codi no Rio de Janeiro durante o final dos anos 60 e início da década de 70, época em que angariou a fama de frio torturador, conhecido como *Doutor Pablo*. Espécie de “livre atirador”, agia com bastante desenvoltura dentro dos quadros policiais, usando inclusive recursos da polícia civil para as “operações militares” de seqüestro e tortura de estudantes e lideranças políticas. Seu episódio mais conhecido, porém, foi o seqüestro de D Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçu, efetuado com a participação de outra sinistra personalidade da repressão policial, o Coronel Zamith.

O Coronel Dickson Grael, que se notabiliza há vários anos pelas denúncias do aparelho policial-militar, garante que sua fonte virá a público para confirmar as declarações feitas ao Delegado Ivan Marques, encarregado das investigações do caso Baumgarten. A ligação dos denunciados com a repressão militar não é acidental, assegura Dickson Grael, que incorpora às supostas atividades desses integrantes do esquema policial-militar da ditadura as explosões a bomba de bancas de revistas, o atentado contra o Ordem dos Advogados do Brasil, no Rio de Janeiro, contra a Câmara de Vereadores, e outros.